

PROJETO QUE SABOR TEM ESSA COR?

Michelle Ribeiro Cavalcante
pós-graduada em gestão e supervisão escolar
pós graduanda em docência dos anos iniciais do ensino fundamental
das populações de campo e carcerária na EJA
Funcionária da Rede Pública Municipal de Teresina/PI
Integrante do Núcleo de Pesquisa da linha de
Ensino, Formação de professores e Práticas Pedagógicas da UFPI
michelle7ribeiro@hotmail.com

Resumo

Ao elaborar um planejamento que trabalhasse cores, porque não pensar em atribuir às frutas, uma participação mais que especial? Gera inovação, uma aula que culmine cor, sabor, enfim, que tornasse o planejamento uma verdadeira “aula de culinária” estimulante e colorida, além de enfatizar as áreas do conhecimento e interdisciplinarmente abrirem um leque de oportunidades para organizar sua forma de pensamento. E foi diante dessa expectativa que surgiu o projeto.

O que se objetiva diante dessa ideia é atrelar um planejamento que além de apresentar as cores como um assunto destinado aos pequenos do maternal fosse estudado também, as frutas, sucos, enfim, uma proposta que fosse ajustado a prática da pesquisa, de buscar, descobrir, analisar e envolver a família nesse contexto escolar. A metodologia da pesquisa é do tipo qualitativa, por ser uma abordagem para o estudo de fenômenos sociais, uma significação para a compreensão e identificação das cores por parte das crianças e ao mesmo tempo por oportunizar a elas e a família, informações nutricionais.

O projeto Que Sabor tem essa cor tem a honra de apresentar a receita da aprendizagem, um sumário que apresente suas experiências significativas, seus contextos sociais, culturais, educacionais, suas curiosidades, e culmine com um olhar desafiador para novas conquistas.

Palavras-chave: Pesquisa; interdisciplinaridade; Educação Infantil; Cores; pensamento reflexivo.

Introdução

Conhecer, reconhecer é um processo que visa a organização das ideias, é através desse processo que pode acontecer transformações para a construção do saber. Esse processo o que se quer alcançar e o que já se sabe, e será construída e compartilhada, objetivando a troca de informações, e dessa forma, o movimento das ideias se modificam nessa ação educativa.

É pertinente que a prática social seja propedêutica, ou seja, que seja preliminar, introdutória, seja fonte de pesquisa, fonte de conhecimento a serviço de uma ação transformadora, esse movimento deve respeitar o ritmo de cada sujeito e levá-los a compreender que as informações são condizentes para a realização de outra ação, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, uma relação dialógica e significativa quando envolver o sujeito e o agente nesse contexto.

Nesta direção, criar situações de aprendizagem para que a criança difunda suas informações sobre o objeto, o que revela suas descobertas, o que ela pretende descobrir, e o que descobriu com as pesquisas. Enfim, o que se pretende durante o “Projeto Que sabor, tem essa cor”, é suscitar para a turma do maternal, a apresentação das cores por meio de receitas, degustações, cheiros, enfim, acrescentar no planejamento essa estratégia que só vem a majorar o trabalho que segue interdisciplinarmente para o universo cultural, político, estético e educacional das crianças.

Toda bagagem desse universo cultural, manifesta-se para o espaço escolar a troca de informações, pois as conversas surgem, os diálogos tornam-se freqüentes, colóquios são vistos aqui e acolá, e para isso, é necessário não perder se quer um “balbuciar”, uma aventura, um olhar, uma situação em que tudo se transforma, com apenas um bate-papo, se assim podemos considerar.

Segundo Moura e Barbosa (2009: 32), nos diz que “os projetos educacionais, por serem atividades normalmente dirigidas para a melhoria de processos de formação humana, necessitam de um cuidado especial para identificar, medir e avaliar seus resultados”.

Diante dessas colocações, a escola como função social, cultural, deve e pode elaborar um currículo que seja dinâmico a ponto de ampliar essas informações trazidas de fora para dentro, capaz de medir, e avaliar os objetivos traçados, e assim oferecer um planejamento de qualidade.

Ao pensar em trabalhar as cores e envolver sabores ao mesmo tempo, veio a ideia de associar com frutas que comemos no dia a dia, e de ao mesmo tempo desvendar outros eixos. Ao estudarmos a cor vermelha, não poderia simplesmente apresentar a cor e mostrar objetos e elaborar atividades que condiz ao tema. Porque não desvendar de outra forma? Era uma situação que me inquietava. Porque não começar pelo lanche oferecido na escola? Eureka! Justamente, a melancia, a parte que comemos. Por fim, começava uma nova etapa, o projeto começou a dar um novo sentido, foram apresentadas imagens da fruta (melancia), suas partes, o que poderia se fazer com a fruta, tiradas da internet e gravadas no CD, para visualizar na televisão e DVD da escola.

A partir da utilização desses recursos, as crianças expunham suas opiniões até mesmo quanto a tecnologia utilizada, um novo círculo de conversas foi proposto, e a cada imagem uma nova forma de diálogo, e com isso as construções e reconstruções começavam a suplantam seus argumentos.

Conforme Moura e Barbosa (2009) apud Luckesi (1987)),

a didática se resume na “...investigação e construção metodológica que torna mais fácil, mais satisfatória e mais eficiente a atividade de ensinar e aprender.” E ainda: “A delimitação de uma didática depende da delimitação de quais são os resultados que

esperamos e estes por sua vez dependem do suporte teórico que direciona nosso modo de agir, nossas intenções.”

Com isso, a intenção era colocar frente à criança, uma nova proposta de pesquisa, nesse caso, o estudo da cor vermelha através da melancia. O projeto realizado deu-se no Centro Municipal de Educação Infantil Tia Carlota Maria de Carvalho, sediada na cidade de Teresina/PI, com alunos do maternal, com idade de 3 anos, a fim de trabalhar cores, de forma gostosa e divertida.

Metodologia

Com os olhos vendados, duas crianças provaram um pedaço de melancia, pegaram, sentiram o cheiro e degustaram, então, foi feita a pergunta “O que você está comendo?” “tem gosto de que”, sem esitar, respondiam “é melancia”. E nesse momento comentou-se que a parte da melancia que comemos é da cor vermelha. De fato, mais uma vez, outro impacto positivo, foi entregue no copinho de plástico, um pedaço de melancia para cada um, daí diziam “tá doce”, “a melancia tem muita água”, “faz bem para o nosso corpo”, “tem caroço”. Diante dos diálogos, foi destacado o comentário de uma aluna, “o porco também come melancia”, “os adultos também comem”, mediante essas colocações, foi percebível como a realidade delas dispunha um universo social e cultural, que somente elas sabiam, me refiro aqui quando disseram que o porco come, nesse momento, a escola também aprende com eles.

Como nos fala Vygotsky (1998),

“o convívio social e cultural entre os pares da mesma faixa etária e adultos do mesmo grupo ao qual pertence a criança, contribui de forma relevante para seu desenvolvimento e aprendizagem. Nesse espaço privilegiado, são intencionalmente proporcionadas experiências lúdicas e com múltiplas linguagens, criadas culturalmente, que as subseqüentes etapas da educação não enfatizam em suas propostas curriculares.”

Mediante essas exposições orais, foram coletadas as falas de algumas crianças, quando foi disponível para a escola e a comunidade os registros através do tema “O que sabemos sobre a melancia”, e a partir desse quesito, mais pesquisas. Nesta direção, Pedro Demo (2: 2003) nos diz “por outro lado, se não aparecer esta instrumentalização, ficará sem distintivo próprio, não se diferenciando de outros lugares educativos na sociedade.”.

Em outro momento pesquisou-se na escola e com a família “o que podemos fazer com a melancia”, e daí a participação da família foi muito importante, pois os pais entraram com o papel de coadjuvante, pois a criança é o protagonista nessa ação.

Ao mesmo tempo a família é aliada quando se trata da formação social e educacional de sua criança, pois sua vida cotidiana apresenta uma realidade subjetiva ao mundo de outras crianças. Como refere-se Karl Mannheim quando afirma que as relações existentes entre o conteúdo, a expressão, a aquisição e o papel do saber de um sujeito estão ligados ao seu do quadro social.

Foram realizados vários registros utilizando colagens, pinturas, releituras, enfim, foram tantas as oportunidades de construção e reconstrução, sem contar dos sentimentos que eram presentes durante as atividades, a harmonia entre as crianças, o respeito, a amizade, o cuidado, a auto-estima. Cada criança manifestava seu sentimento, mas todas tinham em comum o respeito que tinham pelo depoimento dos outros, foi tão gratificante e feliz vê-los de forma harmoniosa construindo essa amizade de forma sólida e pura.

Resultados e Conclusões

Analisar as informações descobertas foi um ponto culminante para o trabalho, pois eles mesmos percebiam que podiam mais, na forma de falar, da leitura realizada em casa com a família, uma exposição na escola, de relacionar a cor da parte da melancia que comemos com outras frutas, com objetos, todavia, como suscitou nas crianças um novo olhar, um senso de pesquisa.

O registro do processo perdurou com o tema “O que descobrimos sobre a melancia”, de certo, esse foi o auge de toda a postura científica, foi registrado o que eles sabiam (o diagnóstico), o que podemos fazer (descobertas), o que descobriram (análise), todo esse processo trouxe para a transformação das crianças, um movimento dialético, como foi citado no início. E realmente não parou por aqui, esse conhecimento revelou-se também através das receitas, experiências realizadas dentro e fora da escola.

Diante dessas “pequenas” oportunidades, podemos refletir que a Educação Infantil possui seus limites, porém, apresenta muito mais possibilidades, possível de adaptar situações, assuntos, questões na linguagem dos pequenos, com o perfil pesquisador, se perder a visão do infantil, mas permitir que uma pesquisa pode adentrar nesse universo, de questionamentos, curiosidades, imaginação, etc.

Experienciar, buscar, é um grande desafio para a Educação Infantil, pois apresenta-se como um desafio, não de medo, de conflito, mas de indução, de fundamentar e elaborar instrumentos de e para a pesquisa para que se tornem crianças críticas, capazes de argumentar e de mostrar o resultado com suas próprias colocações, isso sim, é ter múltiplos olhares.

Como personifica Pedro Demo (2: 2003), “... Educar pela pesquisa do conhecimento. Este é o meio, educação é o fim...”. Em poucas palavras significa dizer que não se basta ver a pesquisa como locus científico, mas ao mesmo tempo, ter um sentido educativo, nem um nem outro, vista que, é um processo, como o próprio autor menciona “educação através da pesquisa”.

O projeto tornou-se fonte para todas áreas, ao mesmo tempo que era estudada a cor da melancia, era trabalhado a palavra, identificar a primeira letra, a correspondência numérica da palavra MELANCIA, releituras da fruta, e por fim, a visualização de telas “melancia” do artista Gustavo Rosa que culminou para a pintura de uma das telas referente ao assunto.

Evidente que frente a realização das atividades, a postura do professor é muito importante, pois requer adotar uma postura reflexiva, desenvolvendo a capacidade de analisar a própria prática, com o objetivo de aprimorar frente a produção das crianças.

Mas essa prática não “caiu de pára-queadas”, foi preciso ter um olhar multifacetado frente aos objetivos que eu gostaria de alcançar, então, comecei pelos registros, trocas de conversas com a família, com as crianças, a rotina, contanto, questionava os meus planejamentos, e ficava pensando na estrutura de pensamento da criança, como ela iria absorver todas aquelas ideias, construir, reconstruir. E precisava de um impulso, um “empurrãozinho”, para perceber os diálogos entre teoria e prática, e assumir uma atitude investigativa das minhas práticas pedagógicas em minha rotina diária, e construir a partir dos registros, uma postura reflexiva de maneira sistematizada, contínua, numa perspectiva de auto-formação e avaliação que acompanhasse minha práxis.

Esse projeto tornou-se um registro reflexivo sistemático, pois provocou em minha postura, na minha práxis, e no meu exercício docente, a prática da escrita, do acompanhar o processo, o movimento que não se tornava mecânico, maçante, preocupada em atender um rol de conteúdos, mas procurava a cada instante transcender uma nova conduta da ação e para ação entre ambas as partes.

A esse respeito, é um desafio desenvolver a “educação pela pesquisa”, pois é uma forma de provocar ainda mais o pensar do docente e das crianças, exige assumir atitudes diante dos fazeres educativos, na direção e nos resultados encontrados. “O critério diferencial da pesquisa é o

questionamento reconstutivo, que engloba teoria e prática, qualidade formal e política, inovação e ética”, como ressalva Pedro Demo (3: 2003). Assumir a pesquisa como prática contínua no processo de ensino-aprendizagem é manobrá-la como aspecto científico e educacional, de torná-la um instrumento a matizar o processo educacional.

Haja vista, que assumir e afirmar esse profissional da educação pela pesquisa é recriar em nosso exercício docente, uma mudança para otimização do trabalho, renovar as práticas pedagógicas, organização cotidiana e avaliação em prol de uma qualidade para a educação.

Considerações Finais

A prática da pesquisa proporciona um caleidoscópio de questionamentos, criando uma ponte entre teoria e prática, englobando valores, atitudes. A pesquisa é um instrumento que busca incitar no sujeito, construir e reconstruir conhecimentos, não basta inovar o conhecimento, como ressalva Pedro Demo “É essencial não perder de vista que o conhecimento é apenas meio, e que, para tornar-se educativo, carece ainda orientar-se pela ética dos fins e valores.”

Portanto, conhecer e intervir tornam-se aliados quando se trata de assumir uma postura consciente política, trata-se do que queremos alcançar, nosso objetivo, um processo de formação do sujeito. O projeto que sabor tem essa cor atribuí não subjugar apresentar apenas as cores, mas através das manifestações, procurar atender a todas as áreas do conhecimento, colhendo os frutos da interdisciplinaridade.

A prática docente é um ponto que também passa por transformações, é nesse processo que acontece o pensar e o refletir diante das circunstâncias, otimização das práticas pedagógicas vistas a proporcionar as crianças, uma educação de qualidade.

Com isso, define-se que a educar pela pesquisa é uma educação tipicamente escolar e presume a busca por uma educação pautada em aspectos políticos, culturais, estéticos que na rotina cotidiana fundamenta em participar do processo de formação histórica humana.

Referências

ALMEIDA, Ordália Alves de (2001) – **O dito e não feito – o feito e não dito**: em buscado compasso entre o falar e o fazer na educação infantil – São Carlos/SP:UFSCAR, tese de doutorado

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica** - técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BUORO, A. B. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KYSHIMOTO, T.M. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.

COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

COSTA. Marisa Vorraber(org.). **O currículo nos limiars do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, som e movimento**. Ed. Mediação, 1999.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FARIA, A. L.; PALHARES, M. **Educação Infantil Pós-LDB**; rumos e desafios. Campinas: Autores associados, 1999.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GALVÃO, Izabel. Wallon e a criança, esta pessoa abrangente. **Revista Criança do professor de Educação Infantil**. Brasília, n. 33, dez. 1999.

GOULART, M. I. Uma abordagem processual na prática da Educação Infantil. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, 29, p. 29-37, set./out. 1999.

KRAMER, S. **Infância e educação infantil**. Campinas: Papirus, 1999.

KRAMER, Sonia. **Propostas pedagógicas ou curriculares**: subsídios para uma leitura crítica. In . MOREIRA, Antonio Flavio. **Currículo: políticas e práticas**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O cotidiano da pré-escola**. São Paulo: Série IDÉIAS, nº7, FDE, 1990.

KUHLMANN, M. **Educação infantil e currículo**. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S. (Orgs.) **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 1999.

LIMA, Elvira Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**. São Paulo: Editora Sobraquinho 107, 2001.

_____, Elvira Souza. **A criança pequena e suas linguagens**. São Paulo: Editora Sobraquinho 107, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos (1987). **Da necessidade de constituir um novo paradigma para a didática**. Tec. Educ., Rio de Janeiro, vol. 16 (77), jul./ago.

LUDKE, Menga. **O professor, seu saber e sua pesquisa**. Educ. Soc. Vol. 22 n. 74. Campinas, abr. [HTTP://atlas.ucpel.tche.br/~poslet/textos/Ludke.pdf](http://atlas.ucpel.tche.br/~poslet/textos/Ludke.pdf) (acessado em 30/fev/2012).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Governo Federal. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**, v. I, II e III, 1998.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MOURA, D.G.; BARBOSA, E.F. & NAGEM, R.L. (2001). **Projetos em Educação – Apontamentos**. Publicação dos autores, Belo Horizonte.

MOURA, Dácio Guimarães de; BARBOSA, Eduardo F. **Trabalhando com projetos**: planejamento e gestão de projetos educacionais. Petrópolis,: Vozes, 2009.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Deixando Marcas... A prática do registro no cotidiano da educação infantil**. Florianópolis: Editora Cidade Futura, 2001.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Lisboa: D. Quixote, 1997.

SARMENTO, Manuel J.; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância**: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuele SARMENTO, Manuel J. (Coord.). **As crianças - contextos e identidades**. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997. pp. 7-28.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes medicas, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **A construção do conhecimento em sala de aula**. Ed. Libertad. 9a ed. 1999. São Paulo.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro, uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1993.